

CAIO PRADO JÚNIOR NA CULTURA POLÍTICA BRASILEIRA

Ruth Vasconcelos*

Acaba de ser publicado pela editora Mauad do Rio de Janeiro *Caio Prado Jr. na Cultura Política Brasileira*, de Raimundo Santos, um historiador que vem se singularizando no estudo do pensamento comunista no Brasil. A novidade desse livro consiste na proposta de uma leitura da obra caiopradiana de um ponto de vista monográfico, considerando o marxista brasileiro “no seu partido”. Certamente Santos é um daqueles que acha que não é possível no Brasil uma esquerda que abandone a memória do PCB, e extrai daí uma recomendação para levar adiante o seu próprio ensaio de história das idéias.

Aliás, desde que, em 1983, terminou a sua tese de doutoramento *A Primeira Renovação Pecebista. Reflexos do XX Congresso do PCUS no PCB (1956/57)*, Raimundo Santos vem exercitando aquele axioma em seus textos. Fazendo reconstituição das idéias pecebistas, às vezes tematizando problemas da história do comunismo político brasileiro, o autor vem alimentando a hipótese de que há no PCB elementos de uma cultura política que deveria ser levado na devida conta. Naquela época, ele pensava que era possível recuperá-los nos termos da política de frente democrática que se mostrara exitosa na transição iniciada com a anistia, nos marcos do velho “Partidão”.

Essa conjectura de um pecebismo a ser continuado ainda percorre os pequenos textos do seu segundo livro – *O Pecebismo Inconcluso. Escritos sobre Idéias Políticas* (Eduar, 1992, 1996). O autor descreve, de modo interessado, a tentativa de renovação da política do PCB que tem lugar logo após a volta do seu núcleo dirigente do exílio, em 1979. Também pode-se ver nos textos desse

volume, escritos nos primeiros anos 90, que não ocorrerá uma “segunda renovação pecebista”, seja pelos impasses que o PCB experimentaria na época do governo Sarney, seja pelo aparecimento de uma nova esquerda, o PT, e, finalmente, pelo próprio esgotamento do “Partidão” na sua forma PC, em 1991.

Agora, com o seu novo livro, Santos amplia o foco da sua análise – a interação entre o tradicionalismo e a renovação na evolução das idéias pecebistas – e se volta para as idéias do militante *outsider* Caio Prado Jr.. Mas isso não significa um desvio daquele seu programa. O volume *Caio Prado Jr. na Cultura Política Brasileira* trabalha para esclarecer como este comunista que viveu em meio a controvérsias com o seu partido, sem disputar as máquinas organizacionais, convergindo com ele em algumas ocasiões – observa o autor – tinha um objetivo bem claro: reformar a sociedade por uma via de reestruturação da economia e da vida política nacional, em forma gradualística e mediante uma espécie de “socialismo de reformas capitalistas”.

O livro desenvolve o seu argumento em três níveis. Em uma primeira seção chamada “A Reestruturação da Economia”, o autor apresenta as dissertações de Caio Prado Jr. nos capítulos “O Destino do Agrarismo Sindical”, “O Marxismo Estranho de Caio Prado Jr.” e “O Socialismo de Reformas Capitalistas”, realçando, nos dois últimos, o lado urbano da obra caiopradiana, sob a curiosa chave de uma certa “presença” de Lênin (no agrarismo não-camponês) e de Keynes (refazendo pressupostos de Economia Política). Na outra parte do livro, “A Reestruturação da Vida Política”, nos capítulos “A Transição de 1945 como Emblema de Ciência Política” e “As Análises Políticas do Pré-64”, Santos mostra alguns exemplos do que seria uma “ciência política” caiopradiana, exercitada, em duas épocas cruciais, em 1945 e sobremaneira no pré-64, durante as quais o historiador produziu análises de conjuntura diferenciadas do pensamento do seu partido.

Na terceira parte do livro, denominada “Interpretações”, o autor nos apresenta algumas leituras da obra caiopradiana, ainda hoje sugestivas do ponto de vista político. Destaca-se o capítulo

* Professora da Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

“A Leitura da Obra Caiopradiana de Elias Chaves Neto”, no qual Santos apresenta a versão de Elias Chaves Neto, que, sem dúvida, foi o seguidor mais fiel de Caio Prado Jr., tanto no plano da política, como de sua militância editorialista como diretor-responsável da *Revista Brasiliense*. No segundo capítulo dessa seção, “Interpretações de *A Revolução Brasileira*”, sob a forma de uma longa recensão, Santos faz a sua própria interpretação, em meio a outras leituras de época bastante críticas à obra mais polêmica do historiador comunista. Com a apresentação dessas interpretações, o autor traça um perfil da “teoria da revolução brasileira” de Caio Prado Jr., igualmente singularizada em relação à maioria da esquerda brasileira.

As intenções últimas da monografia *Caio Prado Jr. na Cultura Política Brasileira* (assim o seu autor chama o livro da primeira à última página) estão nas considerações finais (“O Lugar de Caio Prado Jr. no Pecebismo Contemporâneo”), nas quais ele desenha as trajetórias das três vertentes do “pecebismo contemporâneo” – o frentismo reformador calcado na democracia política. O primeiro grupo do “Partidão” é o “grupo pragmático” do Comitê Central que lidera o PCB, desde 1958; o segundo, mais novo, estaria formado por alguns intelectuais, às vezes conhecidos como “eurocomunistas”, da segunda metade dos anos 70 e, por fim – essa é a atualidade do presente livro – o próprio Caio Prado Jr., numa espécie de recuperação para dentro do PCB. Quase sempre à margem, vindo de longe, o militante ilustre traria para o seu partido os temas do desenvolvimento auto-sustentado e da política brasileira menos “estéril” e “agitativa” (são os termos repetidíssimos nos textos caiopradianos, que Santos sublinha), que deveria expressar a população e ser vivida mediante “fortes correntes de opinião” em torno dos “problemas nacionais” e os interesses estritos dos grupos sociais, no sistema partidário.

Há um aspecto nessa arqueologia de Raimundo Santos que aparece com destaque em *Caio Prado Jr. na Cultura Política Brasileira*, espelhando a atenção do autor naquilo que o próprio Caio Prado Jr. dizia ser o “ponto nevrálgico” da problemática

brasileira: o mundo rural. De alguns anos para cá, Santos vem incursionando no tema, tendo começado pelo inventário do “pensamento agrário” pecebista – segundo ele, menos rico que o politicismo do velho “Partidão” –, chegando a organizar a coletânea *Questão Agrária e Política: Autores Pecebistas*, publicada pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, em 1996. Mas foi em Caio Prado Jr., particularmente na sua interpelação do agrarismo terceiro-internacionalista brasileiro, que Santos terminou se concentrando. Lendo-se a “Introdução” e o capítulo “O Destino do Agrarismo Sindical” do presente livro, fica-se com a impressão de que o autor tenta avançar – embora diga que são apenas equacionamentos – na superação do que ele chama de impasses da interpretação de Caio Prado Jr.. Ele mesmo refaz seus pontos de vista em relação a dois deles: a impossibilidade de o historiador transcender do agrarismo de sindicatos e lei trabalhista para uma estratégia política para o conjunto do país, e a incapacidade que também teria Caio Prado Jr. em reconhecer a evolução capitalista da economia brasileira. O autor espera que, chegando-se a uma solução satisfatória desses problemas, abrir-se-iam outras possibilidades de releitura, mostrando-se um Caio Prado Jr. cada vez mais como um publicista de partido (até aí, apenas um realce mais forte), cujo marxismo é um marxismo político. Instigante, esta última consideração torna-se bastante menos consensual quando se considera – como pensa Santos – que o marxismo brasileiro não se compõe apenas daquele que nascera na Universidade na passagem dos anos 50 para a década de 60.

Em suma, o livro *Caio Prado Jr. na Cultura Política Brasileira* vem em boa hora pelo seu declarado propósito de resgatar o autor comunista, neste momento em que o tema agrário e, mais do que ele, toda a discussão sobre a sustentabilidade – ela estaria presente em Caio Prado Jr., sob a forma de um “produtivismo” contraposto ao capitalismo de “negócios fáceis”, como costumava dizer o historiador – voltam a desafiar a imaginação da esquerda brasileira. A colocação do pensamento político de Caio Prado Jr., como também do seu PCB, com todos os aspectos

Ruth Vasconcelos

problemáticos – que não são poucos –, no âmbito da cultura política, relembra oportunamente uma tradição de esquerda no país. Um tipo de tradição intelectual, cujo *aggiornamento*, como diria Giuseppe Vacca, implica interpelar, da forma a mais crítica possível, o seu passado – é o próprio Santos quem faz a citação desta idéia do autor italiano –, como condição para formular as novas tarefas do momento, e de onde poder-se-ia extrair não poucos instrumentos de análise.

Raimundo Santos, CAIO PRADO JR. NA CULTURA POLÍTICA BRASILEIRA, 300p., edit. Mauad, 2001.